

OS FEMINISMOS HABITAM ESPAÇOS HIFENIZADOS – A LOCALIZAÇÃO E INTERSECCIONALIDADE DOS SABERES FEMINISTAS

João Manuel de Oliveira

Universidade do Minho

Resumo Este ensaio revisita alguma produção teórica na área da teoria feminista e dos espaços hifenizados que com ela se foram gerando, como sejam os feminismos negros e os feminismos lésbicos. Esta re-visita a lugares recentes assume uma preocupação com a situação e contextualização dos conhecimentos, para a partir deles derivar alguns pressupostos que permitam posicionamentos críticos dentro da pesquisa feminista. Destacamos a produção de Donna Haraway que nos mostra como os feminismos devem habitar em lugares cada vez mais hifenizados e marcados pela interseccionalidade.

Palavras-Chave Interseccionalidade, localização, feminismos, teoria feminista, habitar.

Abstract

Feminisms inhabit hyphenated spaces: location and intersectionality of feminist knowledges

This text revisits some of the theoretical production in the area of feminist theory and of the spaces of intersection that generated from feminist theory such as black feminism and lesbian feminism. This re-vision to these recent places in feminist theory is aimed at the location and contextualization of knowledges to generate some propositions for critical positions in feminist research. We focus the production of Donna Haraway that shows us how feminism should inhabit spaces marked by intersectionality.

Keywords Intersectionality, location, feminisms, feminist theory, inhabit.

Résumé

Les féminismes habitent dans espaces reliés: localisation et intersectionnalité des savoirs féministes

Ce texte revisite une partie de la production théorique dans le domaine de la théorie féministe et des espaces d'intersection qui sont générés à partir de la théorie féministe comme le féminisme noir et le féminisme lesbien. Cette re-vision de ces lieux récents de la théorie féministe envisage une localisation et une contextualization des connaissances pour générer des propositions pour quelques positions critiques dans la recherche féministe. La production de Donna Haraway nous montre comment le féminisme doit habiter des espaces marqués par l'intersectionnalité.

Mots-Clés Intersectionnalité, localisation, féminismes, théorie féministe, habiter.

«Ali aquele homem diz que as mulheres precisam de ajuda para subir às carruagens, para passar a sarjetas e para ter sempre, em qualquer lado os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir às carruagens, ou me dá o melhor lugar e não sou eu uma mulher? Olhem para mim, olhem para os meus braços. Eu lavrei, eu plantei, eu armazenei e nenhum homem me passava à frente. E não sou eu uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto como um homem, e comer tanto (sempre que arranjasse comida) como um homem. E igualmente suportar o chicote! E não sou eu mulher?»

Sojourner Truth (1851). Citada por Carmo & Amâncio (2004), *Vozes Insubmissas*¹

A proposta de um dossier temático sobre «*habitar*» leva-nos a pensar no modo como os feminismos contemporâneos se localizam num espaço cada vez mais hifenizado, isto é, em espaços dialógicos (Bakhtin, 2006; Bakhtin, Holquist, & Emerson, 1998), marcados por uma necessidade de estabelecer um diálogo com outras áreas de produção teórica. Mais do que espaços dialogantes, são espaços conceptualmente intersticiais (Bhabba, 2004) marcados pela liminaridade e pela recusa da erecção de fronteiras estanques entre os saberes. Estes espaços intersticiais implicam uma construção de saberes hifenizados, marcados também pela hibridização e pelas múltiplas contradições que irão atravessar esses campos do saber, já esquecidos das fronteiras disciplinares da científica e inscritos numa lógica de transversalização dos saberes, tematicamente organizados. Essa organização dos saberes não é hierárquica e poderíamos pensá-la como rizomática: «um rizoma não deixaria de conectar elos semióticos, organizações de poder, ocorrências que apontam para as artes, para as ciências, para as lutas sociais» (Deleuze e Guattari, 2007: 26).

Inclino-me a considerar que a teoria feminista habita neste espaço de interstícios, onde os cruzamentos conceptuais construíram um monstro (Haraway, 1992), uma forma híbrida de saberes, particularmente útil para compreender e ler um mundo onde se perdeu a ilusão da estabilidade identitária e onde a diversidade precisa de lentes mais afinadas e sofisticadas para ser percebida. Defendo também a perspectiva de que o feminismo, enquanto espaço de intervenção científica e filosófica, não é acantonável a uma unicidade de perspectivas. Igualmente a minha proposta é pois que os feminismos habitam em espaços marcados pela hifenização. Assim o ponto de partida deste texto são os espaços habitáveis pelo feminismo na sua encarnação. De modo, que entendo aqui a noção de habitar

¹ Epígrafe da responsabilidade da Coordenação do Dossier.

como um ponto de interrogação, como uma marca questionadora desses espaços conceptuais. Uso habitar como um verbo (performativo), não como um lugar preciso, apesar de o verbo implicar a localização. Onde se quer localizar a teoria feminista? Qual as modalidades que recorre para dar sentido a essa habitação? Este texto não indaga sobre um sujeito para o feminismo, procura sim, quais os espaços em que os feminismos podem habitar em termos da sua produção conceptual. E o termo habitar passa a ganhar ressonâncias diferentes, como uma ferramenta de imaginação epistemológica de questionamento sobre o modo como o conhecimento é construído, por quem é construído e quais os limites a essa construção (Mbembe & Nuttall, 2004). Ora na teoria feminista creio que a separação sujeito-objecto não apresenta qualquer sentido e apenas reproduz uma visão disciplinar dos saberes de raiz cartesiana, que não permite sequer representar muitos dos saberes feministas, assentes numa ética de implicação (Nogueira, 2001) e numa lógica parcial (Haraway, 1988). Assim, creio que a noção de habitar permite uma melhor explicitação dos espaços conceptuais que a teoria feminista visita e revisita, pois permite manter quer uma política de localização (Rich, 1984/1993), quer manter as fronteiras epistémicas abertas sobre quem conhece quem. Sobretudo possibilita manter a imaginação epistemológica alerta sobre novas formas de pensar a teoria feminista.

A interseccionalidade de alguns projectos feministas²

Uma das figurações lendárias para esta hifenização é Sojourner Truth, sobre a qual nunca é demais citar as suas palavras em 1851 na Convenção sobre os Direitos das Mulheres, em Akron:

Ali aquele homem diz que as mulheres precisam de ajuda para subir às carruagens, para passar a sarjetas e para ter sempre, em qualquer lado os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir às carruagens, ou me dá o melhor lugar e não sou eu uma mulher?

Olhem para mim, olhem para os meus braços.

Eu lavrei, eu plantei, eu armazenei e nenhum homem me passava à frente. E não sou eu uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto como um homem, e comer tanto (sempre que arranjasse comida) como um homem. E igualmente suportar o chicote! E não sou eu mulher? (Sojourner Truth, 1851, citada por Carmo & Amâncio, 2004: 227).

O tom crítico deste discurso de uma ex-escrava e posteriormente activista pela igualdade e pelos direitos civis da população negra permite antecipar algumas das contradições de um feminismo sem ter em conta outras formas de opressão. Sendo o género uma forma de opressão, como se explica que dentro dessa

² Este texto retoma alguns dos argumentos presentes na minha tese de doutoramento (Oliveira, 2009), adaptando-os a este contexto.

estrutura, hajam modalidades específicas de opressão, modeladas por outros sistemas sociais que com o género se intersectam, como atesta o discurso com mais de cem anos de Sojourner Truth? Este é um dos primeiros sinais de que o feminismo centrado exclusivamente no género ou mesmo na diferença sexual não seria suficiente para explicar as contradições vividas pelas mulheres negras.

Um contributo muito relevante é trazido pelas propostas da interseccionalidade que marcam o feminismo negro, desde os tempos do Combahee River Collective (Combahee River Collective, 1977). Essa marca interseccional está presente até na crítica que desferem ao separatismo (de algum) do feminismo lésbico, pois para este movimento de feministas negras havia muito a perder com a adesão ao separatismo dos grupos feministas. Pelo contrário, advogam antes que «a inclusão das nossas políticas fazem-nos preocupar com qualquer situação que determine a vida das mulheres, das pessoas do Terceiro Mundo e das pessoas que trabalham. Estamos comprometidas com o trabalho sobre essas lutas em que raça, sexo e classe sejam factores simultâneos de opressão» (Combahee River Collective, 1977:170). Será mais tarde que o conceito de interseccionalidade irá adquirir relevância na teoria do género, mas o conceito foi trazido pela praxis feminista de grupos como este.

Surgido nos 70, o feminismo negro é marcado também pelo movimento negro e pelas lutas anti-racistas que vão marcar a agenda política americana nesta década (Nogueira, 2001). O feminismo negro é um dos campos mais activos na década de 80, na produção teórica e no activismo e vai marcar a reflexão feminista desde então. Igualmente emergente, o feminismo *chicano* vem marcar a agenda do feminismo traduzindo a importância de pensar as mulheres vindas da América Latina e o seu lugar no mundo e na sociedade norte-americana. Estes modelos feministas permitiram que se comecem a trabalhar no feminismo a partir de noções mais inclusivas, introduzindo a «raça» e a cultura como balizas para pensar e para integrar mulheres, que antes não eram alvo do pensamento feminista. Ou pelo menos que não se reviam nestas propostas, quando aquilo a que bell hooks (hooks, 1984/2004) chama o feminismo branco, interpelava as mulheres.

É precisamente por criar uma crítica ao feminismo, assente na exclusão das negras, que permite a bell hooks (hooks, 1981) avançar para este projecto do feminismo negro. As modalidades da crítica de bell hooks centram-se em duas dimensões específicas: a importância da continuidade do feminismo enquanto discurso crítico do sexismo que atravessa toda a sociedade e a denúncia do racismo dentro do feminismo branco. No que toca à primeira dimensão, bell hooks (hooks, 1984/2004) vem na continuidade da tradição feminista. Contudo, condena e critica a pretensão universalista das propostas feministas, nomeadamente no que toca à universalidade da experiência feminina branca de classe média. O pressuposto da obra de Betty Friedan (Friedan, 1963/1975), de que as donas de casa casadas com educação universitária e de classe média são equivalentes ao grupo das «mulheres» e que as «mulheres» sofrem do «problema sem nome» que são os efeitos de terem uma educação superior e não trabalha-

rem, não almejando outro destino que não seja o trabalho doméstico e a educação dos filhos, é um dos exemplos que bell hooks (hooks, 1984/2004) dá de feminismo branco.

Partir do pressuposto de que as mulheres não trabalhavam nos anos 50, nos Estados Unidos, implica obliterar as negras e as brancas pobres, isto é, implica esquecer que mais de um terço das mulheres norte-americanas trabalhavam nesta época. Necessariamente, para bell hooks (hooks, 1984/2004), as feministas brancas reflectem o discurso racista e de supremacia branca da sociedade americana. Ainda que a opressão sexista seja uma experiência comum a todas as mulheres, não é suficiente para homogeneizar esta experiência.

As mulheres negras não têm nenhum outro na escala social que possa estar numa situação de subalternidade (Spivak, 1996), o que lhes permite pensar o feminismo a partir de uma posição de marginalidade. Essa posição de marginalidade permite-lhes criticar as hegemonias racistas, classistas e sexistas e criar outras práticas feministas que permitam contrariar estas ditas hegemonias.

É neste âmbito que as propostas da interseccionalidade vão ganhar corpo. Na ideia de que não é possível estudar e intervir separadamente sobre pessoas que sofrem duplas e triplas experiências de discriminação assentes numa experiência de opressão marcada pelo género, classe e raça. Patricia Hill Collins (Collins, 2003) analisa o triplo processo de segregação das mulheres negras nos Estados Unidos e mostra como a exploração das mulheres afro-americanas é marcada por uma dimensão económica, política e ideológica. Assim, em termos económicos, o trabalho mal pago das negras no pós-esclavagismo colocou-as maioritariamente numa situação em que a sobrevivência era a principal das suas preocupações, aceitando a *ghettização* das ocupações mal pagas que lhes eram destinadas no quadro do capitalismo. A dimensão de opressão política implicou a recusa da atribuição de direitos sociais e civis à população negra tanto no plano dos direitos políticos, ao trabalho e do acesso à educação, partilhando as mulheres negras uma condição marcada pela exclusão de direitos justificada por um sistema racista. No plano ideológico, os estereótipos das negras ditados por um sistema racista e sexista naturalizaram essa opressão no plano identitário. A análise de Collins (Collins, 2003) mostra como estas três áreas criaram um sistema de exclusão e controlo social para as mulheres negras.

Como se pode depreender nesta análise, não é possível perceber de forma separada os mecanismos de exclusão envolvidos nesta intersecção entre vários planos de opressão. Angela Davis (Davis, 1982) já tinha evidenciado o modo como sexo, raça e classe social se cruzam para gerar a discriminação específica e profunda opressão vivida pelas mulheres negras.

É contudo apenas com Kimberley Creshaw que o termo ganha um conceito e se inicia uma teorização mais sistemática da interseccionalidade (Cole, 2009), que é definida como uma área de investigação que estuda os significados e as consequências das múltiplas pertenças categoriais. Sem nos pretendermos alongar mais na interseccionalidade como área de investigação (Nogueira, no prelo),

é possível desde já perceber o ênfase colocado num habitar marcado por categorias que se intersectam.

Igualmente importantes, para este propósito são as propostas de Gloria Anzaldúa (Anzaldúa, 1987/2004), nomeadamente por duas questões: a importância que vem dar à indefinição de fronteiras, introduzida no seu pensamento pela figuração da *mestiza*, mas também pelas suas próprias tecnologias de escrita, que misturam o ensaio no sentido académico, e a alimentação de uma narrativa ficcional e auto-biográfica. O enaltecimento da figuração híbrida, permite a Anzaldúa, propor a confusão de fronteiras, enquanto maneira de problematizar a identidade chicana, das mulheres de origem sul-americana, residentes nos Estados Unidos. Constata-se, contudo, que as propostas de Anzaldúa, embora estilisticamente associáveis às propostas do *standpoint*, filiadas portanto na óptica do feminismo radical, já apresentam características pós-modernas (Macedo, 2008), nomeadamente a preocupação com a hibridização e com as questões da etnicidade e dos pós-colonialismos.

Conforme foi patente nesta revisita a textos centrais dos feminismos, torna-se por demais evidente que o processo de centramento dos feminismos na ideia de «mulher» deixava de fora uma série de processos e de hierarquias sociais, que se tornam claras quando se usa a interseccionalidade para proceder ao questionamento das elaborações entre género, raça e classe como maneira de analisar de forma localizada as opressões. Assim, esta interseccionalidade dos saberes feministas situa-se na linha do que fora proposto por Adrienne Rich (Rich, 1984/2003), que se propõe pensar o feminismo como uma política de localização, isto é, caracterizando os saberes feministas como não deslocalizados, nem universalistas. A crítica a uma noção essencialista de mulher que não tem em conta a diversidade das mulheres é feita também a partir desta ideia de localização. Ou seja, a teoria feminista deixa de querer habitar apenas nesse espaço da «mulher» e passa a querer entender as imbricações das várias multitudes contidas nessas mulheres.

As lésbicas não são mulheres?

Um outro local de reelaboração conceptual dos feminismos, particularmente nas décadas de 70 e 80, foi o feminismo lésbico, onde as questões da opressão da sexualidade se cruzaram com a opressão de género

Poderíamos entender as propostas do feminismo lésbico, a partir quer das suas influências enquanto movimento social, quer das suas propostas para a teoria feminista. Emergindo do feminismo radical, as propostas do feminismo lésbico são determinantes para a constituição das teorias feministas. Para ilustrar a problematização do feminismo lésbico nos modos como infectar uma teoria feminista ainda marcada pelo fetichismo da noção de mulher e propor a lésbica como outra categoria para habitar as preocupações feministas, escolhemos Monique Wittig. É com Wittig (Wittig, 1992), que são integrados uma série de potenciais

teóricos que continuaram a ser explorados (Butler, 1990) e que possibilitaram um entendimento mais amplo das relações entre os sistemas de género e a heterossexualidade normativa.

O sistema normativo a que Wittig (Wittig, 1992) vai aludir e teorizar é precisamente a heterossexualidade como máquina de produção de sujeitos heterossexuais. O exemplo específico da população lésbica permite entender como, num sistema em que a heterossexualidade é normativa, é negada às lésbicas toda a possibilidade de criar as suas próprias categorias. Daí que as propostas de Wittig (Wittig, 1992), venham traduzir uma preocupação em desconstruir o pensamento heterossexual, que ela define como uma ideologia inquestionada, reproduzida nas ciências e nos discursos, que marca conceitos como «mulher», «homem», «sexo», «diferença sexual», presumindo a existência de uma base natural, para lá dos discursos das construções sociais. Essa base é a relação heterossexual. O pensamento heterossexual³ não é problematizado nem teorizado, precisamente por se pressupor a sua universalidade.

A exclusão provocada por este sistema de pensamento é pois o apagamento do lesbianismo e da homossexualidade, num jogo de ocultação dos termos: teoriza-se que o tabu do incesto é a maior proibição, quando na realidade é a homossexualidade. Assim, diferença sexual é um conceito a ser repensado. Nomeadamente por só fazer sentido com o pensamento heterossexual. Tal como a ideia de mulher e homem, que só têm cabimento na manutenção da heterossexualidade enquanto sistema hegemónico. A proposta de Wittig, é de que as lésbicas não são mulheres, retirando as lésbicas do sistema hegemónico heterossexual e também do domínio da diferença sexual.

A desconstrução da ideia de mulheres é feita, no ano seguinte, em Wittig (Wittig, 1992). Num título que faz ligar o ensaio de Wittig a «O Segundo Sexo» de Simone de Beauvoir (Beauvoir, 1949/1975), são enunciadas as propostas e as consequências da afirmação célebre de que as lésbicas não são mulheres. Como Beauvoir (Beauvoir, 1949/1975), Monique Wittig (Wittig, 1992), recusa a biologiação do feminino. O carácter naturalizador destas categorias de homem ou de mulher, implica uma naturalização da própria opressão, de fenómenos que são históricos e políticos.

A opção por um feminismo assente na diferença contribui para este processo, nomeadamente pela capitulação ao patriarcado⁴: a celebração de diferenças e das características positivas da feminilidade corresponde a assumir os melhores traços que as relações de dominação atribuem às mulheres. Assim o feminismo da diferença traduz a a-historicidade do género. Desta forma, e recusando a heterogeneidade do grupo das mulheres, opta-se pelo mito da mulher, e salientam-se as suas diferenças em relação ao mito do homem.

³ *Straight*, no original.

⁴ Wittig (1981/1992) afirma que num matriarcado, o processo seria igual, só mudaria o sexo do opressor.

Este processo revela pois, o carácter político da categoria mulher e a sua dependência do pensamento que Wittig caracteriza como pensamento heterossexual. Dado que, fora deste sistema ideológico não teria sentido a manutenção das categorias de sexo, promovendo-se assim a subjectividade, enquanto critério de diferenciação entre pessoas e não as características presumivelmente associadas ao sexo. O que, para Wittig (Wittig, 1992), constitui uma mulher é a sua relação social específica em relação aos homens, relação de dominação dentro de um sistema heterossexual.

A estratégia de luta contra a subordinação das mulheres passa por destruir o pensamento heterossexual e destruir o próprio conceito de mulheres, precisamente para evitar a subordinação das mulheres aos homens. Esta proposta é necessariamente incompatível com qualquer projecto assente na diferença sexual. Para Wittig, a categoria «mulher» transporta consigo a inevitabilidade da dominação, por isso importa desconstruí-la. Desta forma, o acesso das mulheres a um estatuto de sujeito universal, só ocorre com a desconstrução da categoria «mulher».

Verificámos como o trabalho do feminismo lésbico introduziu uma ruptura no pensamento feminista, na denúncia dos fenómenos heterossexistas e da heterossexualidade como modelo político de organização social no patriarcado. Vemos como a lésbica se torna um ponto de inflexão no discurso de que a teoria feminista se deve cingir a habitar no espaço da mulher. Como fazê-lo, se as lésbicas não são mulheres (Wittig, 1992)? A imbricação destas várias modalidades de opressão, que se cruzam e se interligam, é pois, um pressuposto dos feminismos pós-estruturalistas, como irá evidenciar Donna Haraway, cujo pensamento daremos conta na secção seguinte.

As figurações feministas e a obra de Donna Haraway: o prazer na confusão das fronteiras

A manifesto for cyborgs (ou ciborgue na tradução portuguesa – ver Macedo, 2001) é um texto (Haraway, 1985/1991) que vem inaugurar e estabelecer um programa para a 3.^a Vaga do Feminismo. Para Haraway (Haraway, 1985/1991), a tecnologia está no mundo e pode ser usada como se entender, sem que isso seja necessariamente positivo ou negativo para o feminismo. O pressuposto de Haraway (Haraway, 1985/1991) é que incorporámos a tecnologia e por isso, obliterar essa incorporação da tecnologia é manter uma ingenuidade, que Haraway (Haraway, 1985/1991) critica em autoras como Adrienne Rich e Audre Lorde. Essa ingenuidade está presente na maneira como estas autoras e nomeadamente o ecofeminismo abraçaram a noção de organismo.

Ora Haraway (Haraway, 1985/1991) demonstra que não é possível pensar os organismos, sem ter em conta que fazem parte de uma ideologia oposicional (Sandoval, 1995 citada por Haraway, 1985/1991) com a máquina. O manifesto

centra-se pois em desconstruir estas oposições, elegendo como figuração feminista (Haraway, 1985/1991), a imagem d@ ciborgue.

@ ciborgue assenta na lógica de ultrapassar os dualismos, numa época em que cada vez mais deixa de fazer sentido pensarmo-nos como uma espécie de humanos puros, sem ter em conta o papel crescente da tecnologia nas nossas modalidades de incorporação. Esta figuração, esta metáfora incorporada, assente na ideia de hibridização, vai possibilitar a construção de um discurso sobre a ciência e a tecnologia, problematizando as fronteiras entre humanos e não humanos, físico e biológico e entre orgânico e inorgânico.

Inspirada pela ficção científica, pelo feminismo e pelo socialismo, para Haraway (Haraway, 1985/1991), a figura ciborgue permite prever alterações radicais na estrutura do poder/saber e de bio-poder (Foucault, 1976/1994), nas concepções de humanidade e alterações radicais na estrutura patriarcal de género.

Esta figuração ciborgue permite que se utilize enquanto figura geradora de tensões por resolver e enquanto híbrido que permite fazer a contestação das categorias de humanidade, género e «raça». A rejeição desta categoria essencializada da «mulher» permite a Haraway afirmar que o género é uma relação social, atravessada por outras como a etnicidade, a cultura, a orientação sexual, a classe social, entre outras.

Esta contestação do feminino enquanto essência e a consideração do género num feixe de relações sociais, práticas científicas e políticas no seio das sociedades contemporâneas, introduz igualmente a questão da homogeneização da categoria «mulheres». Para Haraway (Haraway, 1985/1991) deixa de fazer sentido falar em nome das «mulheres» ou assentar a teoria feminista na ideia essencializada de mulher. Estamos no domínio da problematização desta ideia de mulheres, para passar a englobar outras categorias dominadas que se intersectam com a categoria de mulher, mas também outras que partilham com a categoria uma história e uma sociologia de dominação.

Necessariamente, o projecto feminista vê em parte o seu sujeito histórico ameaçado. Foi a partir da ideia de mulher que se questionou o sistema patriarcal e se reivindicou a extensão da democracia às mulheres. Através da homogeneização da ideia de mulheres, escondem-se situações e contextos diferentes. Lésbicas, negras, mulheres de culturas não ocidentais, pobres, constituem exemplos de situações divergentes da mulher branca ocidental e heterossexual e de classe média, pensada enquanto sujeito do feminismo, aptamente denunciada pelo feminismo negro (hooks, 1981). Trata-se de reposicionar conceptualmente o feminismo, voltando-se mais para um questionamento da dominação do que focar-se exclusivamente, como fez o feminismo radical cultural para a saliência de uma categorias sobre as outras. Com isto não se pretende condenar a acção política e activista em termos da ideia de mulher, mas mostrar como uma reflexão sobre o feminismo enquanto prática de interrogação do mundo não pode prescindir de uma análise que tome mais questões em linha de conta.

O projecto de Haraway (Haraway, 1985/2003: 250) para o feminismo parte desta ideia:

A imagética ciborgue pode apontar um caminho para sairmos do labirinto de dualismos em que explicámos a nós mesmas os nossos corpos e as nossas ferramentas. Este sonho não é um sonho de uma língua comum, mas uma poderosa e infiel heteroglossia. É a imaginação de uma feminista que fala em línguas capazes de infundir o medo nos circuitos supersalvadores da nova direita. Significa, simultaneamente construir e destruir máquinas, identidades, categorias, relações e histórias espaciais. Embora estejam ambos presos um ao outro numa dança em espiral, antes queria ser ciborgue do que deusa.

A imagem bíblica (ou blasfema) da feminista (ou deveríamos dizer d@?), falando em línguas, inspira o projecto feminista a seguir este caminho. Um caminho marcado pela polifonia, em que as várias vozes localizadas, irão construir saberes que por vezes podem parecer contraditórios, mas que constituem essa manta de retalhos que será a teoria feminista e o feminismo, que deixam de ter sentido no singular e adquirem-no apenas no plural. Conforme iremos ver, esta proposta irá abrir uma nova epistemologia feminista, a ideia de conhecimentos situados (Haraway, 1988/1991), a que aludiremos adiante. Donna Haraway prepara o caminho para a desconstrução das fronteiras taxonómicas e categoriais que um mundo herdeiro do iluminismo adoptou. Para o género, as consequências são enormes: pressupõe-se no género, uma ideia de relação, que é simultaneamente intersectada pela «raça», a orientação sexual, a cultura, etc. Com Donna Haraway, o género passará não só a construir e simultaneamente a desconstruir as categorias de homem e de mulher, mas também a estudar *@s innaappropriate/d others* (Trihn, 1989), aqueles que estão fora do sistema sexo/género (Rubin, 1984/1993).

A própria proposta de Haraway abre o caminho, para o que ela própria, vem designar como as promessas dos monstros (Haraway, 1992). Veja-se o caso d@ ciborgue: entidade pensada no contexto da guerra fria, para fins militares, o primeiro ciborgue é um rato com um êmbolo, que é implantado no seu organismo para lhe transmitir determinadas hormonas (ver Gray, 1995 para uma análise). A reapropriação feminista do ciborgue, na era Reagan, permite uma utilização dessa metáfora resistente às oposições categoriais no âmbito do feminismo, re-significando uma figura que decorre de um sistema bélico e sexista.

Quem habita os Feminismos são híbrid@s

Nas suas propostas mais epistemológicas, Haraway (Haraway, 1988/1991) propõe um processo de reestruturação das epistemologias feministas, conhecido como conhecimentos situados onde questiona a construção do *tropo* da objectivi-

dade nos processos de legitimação do conhecimento científico, condenando a exclusão das relações de poder e do próprio processo de construção do saber, dos manuais e artigos científicos.

Para Haraway (Haraway, 1988/1991), a ideia de objectividade é precisamente a justificação discursiva que legitima o conhecimento científico como verdade, relegando as fundações contingentes (Butler, 1991) desse saber, nomeadamente a sua contingência histórica, política e cultural. Mas esta desconstrução e atenção à localização dos saberes, precisamente por ser balizada pela implicação política feminista, evita cair no universalismo e no relativismo. «O relativismo é uma maneira de estar em parte nenhuma enquanto se afirma estar em toda a parte» (Haraway, 1988/1991: 191). Tanto o universalismo tentador como a negação de responsabilidade relativista impedem a responsabilização pela construção dos saberes.

Num texto onde reflectimos sobre os conhecimentos situados, afirmámos:

Os conhecimentos situados correspondem a uma incorporação dos saberes, partindo da opção pela responsabilidade na produção dos saberes e pela sua localização sócio-histórica. Assim a objectividade na produção feminista assenta na parcialidade, no olhar contextualizado, em vez dos falsos universalismos da ciência positiva, indissociavelmente inscrita na meta-narrativa patriarcal e moderna, em busca de verdades para a sua auto-legitimação (Oliveira e Amâncio, 2006: 601).

É este tipo de epistemologia que Donna Haraway propõe como metodologia para a arqueologia do saber (Foucault, 1969) do que conta como humano. Uma proposta assente nas vantagens epistemológicas da parcialidade, sobre a onisciência da suposta objectividade que obscurece mais do que realmente clarifica. Este posicionamento implica uma proximidade face ao objecto no sentido a que Haraway (Haraway, 1988/1991) dá aos conhecimentos situados. Trata-se de utilizar o privilégio da perspectiva parcial que nos permite estar simultaneamente inserid@s no quadro do objecto e produzir conhecimento sobre ele, a partir dessa inserção. O contributo desta análise para as epistemologias feministas implica uma mudança de concepção. Os projectos de pesquisa de conhecimentos situados não são marcados pelo distanciamento positivista com pretensões de universalidade ou neutralidade. São antes, uma pesquisa marcada pela interpretação necessariamente parcial e por isso, não pretende constituir-se como uma explicação de factos ou constituição de modelos teóricos reproduzíveis a outras situações. Assumir o papel de *testemunhas modestas* como propõe Haraway (Haraway, 1998), implica sujeitos situados, produtor@s de conhecimentos contextuais e responsáveis localizáveis pela produção desse conhecimento. E é esse o espaço para a pesquisa feminista.

O contributo de Haraway é também fundamental para pensar o espaço conceptual do humano. Se no início da modernidade, o humano estava incluído na categoria de cidadão e, por isso, as mulheres eram colocadas fora desse âmbito,

graças ao paradoxo da modernidade que Joan Scott (Scott, 1997) identifica –, a coexistência da universalidade dos direitos com a universalidade da diferença sexual – hoje em dia, a ideia de humano continua a ser um tropo que permite incluir e excluir. O que constitui uma forma particularmente eficaz de exercer uma relação de dominação, através da classificação dos grupos em termos das distâncias em relação ao referente humano. Para figurar a humanidade, a partir de uma perspectiva feminista, Haraway (Haraway, 1992), recorre à figura de Sojourner Truth, um exemplo do que pode ser uma figuração do que possibilita «figurar uma humanidade colectiva sem construir o fechamento cósmico de uma categoria não marcada» (Haraway, 1992: 92). Isto é, possibilita uma hipótese de figuração fora dos limites da inclusão que a categoria «humano», construída num determinado «regime de verité» e no seio do projecto de saber-poder (Foucault, 1976/1994), a que Haraway denomina tecnociência.

Esta análise de Haraway de uma figuração da humanidade que não é apenas mulher, apenas negra, apenas escrava, apenas pobre, apenas feminista conduz-nos pois a pensar já não num sujeito feminista, mas numa figuração dos feminismos numa óptica de intersecção. Os feminismos são já (provavelmente sempre o foram) espaços onde para explicar a complexidade da intersecção entre categorias que cada um/a ocupa e habita é necessário recorrer a abordagens que integrem e que situem essa experiência na sua intersecção. Ou seja, os feminismos não devem apenas localizar-se no género ou em explicações relativas às posições relativas de homens e de mulheres.

Este cepticismo em relação à ideia da mulher poder continuar a ser considerada como sujeito do projecto feminista foi posta em causa, dado que esta grande categoria ilude as divisões intra-categoriais.

Afirmámos recentemente num texto colectivo (Oliveira, Pinto, Pena & Costa, 2009) que o feminismo *queer* era uma condição de viabilidade dos próprios projectos feministas. Retomando textos fundamentais para a compreensão da teoria feminista vemos como este propósito de hibridização de saberes está presente no feminismo não só desde os anos 70, com os feminismos lésbicos e negros, mas desde Sojourner Truth, quando 1851 proferiu o célebre discurso «Ain't I a Woman?». Fundar o feminismo numa experiência sexuada, branca, ocidental corresponde a privilegiar exclusivamente uma faceta do feminismo. Com Haraway, torna-se evidente que não é conceptualmente relevante continuar a fazê-lo sem situar estes conhecimentos numa matriz muito mais complexa que engloba as redes onde as mulheres estão, marcadas pela confluência de sistemas múltiplos de opressão e privilégio. Não é possível continuar a produzir uma teoria feminista que atenda exclusivamente ao género. Sem abdicar deste conceito nem da sua proficuidade conceptual e analítica, é necessário hifenizar o género com questões de «raça», sexualidades, classe social, e outros sistemas para produzir teorias feministas, não unificadas que desafiem esta construção de fronteiras e que possibilitem a análise e a praxis a partir de pontos multifacetados que nos conduzam ao espaço dos hífen, onde nunca se é apenas um/a, mas múltipl@. É

no espaço político e conceptual do feminismo (Pollock, 2001) enquanto produto precário de um paradoxo, de permanente desconstrução do seu objecto/sujeito que localizamos este projecto político, da hifenização constante dos feminismos.

Habitar esse espaço conceptual híbrido, marcado pelo hífen e já não apenas com o plural da ideia de mulher implica um reposicionamento das propostas feministas. Nomeadamente a recusa de um sujeito histórico do qual o feminismo se ocupa inteiramente e a substituição dessa noção fundacionalista por uma preocupação com os múltiplos cruzamentos conceptuais e políticos, uma recusa da erecção de fronteiras. Habitar em vez de um sujeito parece-me um bom princípio de conversa...

Referências bibliográficas

- Anzaldúa, Gloria (1987/2004), «Movimientos de rebeldía y las culturas que traicionam», in hooks, bell, Brah, Avtar, Sandoval, Chela & Anzaldúa, Gloria (Orgas), *Otras inapropiables: feminismos desde las fronteras*, Madrid, Traficantes de Sueños, pp. 71-79.
- Bakhtin, Mikhail (2006), *The Dialogic Imagination: Four Essays*, Austin, University of Texas Press.
- Beauvoir, Simone de (1949/1975), *O Segundo Sexo*, Lisboa, Bertrand.
- Bhabha, Homi (2004), *The Location of Culture*, New York, Routledge.
- Butler, Judith (1990), *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*, New York, Routledge.
- Butler, Judith (1991), «Contingent Foundations: Feminism and the Question of Post-modernism», in Butler, Judith & Scott, Joan (Orgas.), *Feminists Theorize the Political*, New York, Routledge, pp. 3-21.
- Carmo, Isabel, & Amâncio, Lígia (2004), *Vozes Insubmissas: A História das Mulheres e dos Homens que Lutaram pela Igualdade dos Sexos Quando era Crime Fazê-lo*, Lisboa, Dom Quixote.
- Cole, Elizabeth (2009), «Intersectionality and Research in Psychology», *American Psychologist*, 64, pp. 170-180.
- Collins, Patricia Hill (2000/2003), «The Politics of Black Feminist Thought», in McCann, Carole & Kim, Seung-Kyung (Orgas.), *Feminist Local and Global Theory Reader*, New York, Routledge, pp. 318-333.
- Combahee River Collective (1977/2003), «A Black Feminist Statement», in McCann, Carole & Kim, Seung-Kyung (Orgas.), *Feminist Local and Global Theory Reader*, New York, Routledge, pp. 164-173.
- Davis, Angela (1982), *Women, Race and Class*, London, The Women's Press.
- Deleuze, Gilles e Guattari, Félix (2007), *Mil Planaltos: Capitalismo e Esquizofrenia 2*, Lisboa, Assírio & Alvim.
- Foucault, Michel (1976/1994), *História da Sexualidade – A Vontade de Saber*, Lisboa, Relógio d'Água.
- Friedan, Betty (1963/1975), *A Mística Feminina*, Lisboa, Ulisseia.
- Gray, Chris (1995), *The Cyborg Handbook*, New York, Routledge.
- Haraway, Donna (1985/1991), «A Manifesto for Cyborg: Science, Technology and Socialist Feminism in the Late 20th Century», in Donna Haraway (Orga.), *Symians, Cyborgs and Women: The Reinvention of Nature*, New York, Routledge, pp. 149-182.

- Haraway, Donna (1985/2004), «Manifesto Ciborgue», in Macedo, Ana Gabriela (Orga.), *Género, Identidade e Desejo: Antologia Crítica do Feminismo Contemporâneo*, Lisboa, Cotovia, pp. 221-250.
- Haraway, Donna (1988/1991), «Situated knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective», in Haraway, Donna (Orga.), *Symians, Cyborgs and Women: The Reinvention of Nature*, New York, Routledge, pp. 183-202.
- Haraway, Donna (1992), «Ecce homo, ain't (a'r'n't) I a Woman and Innapropriate/d Others: The Human in a Post-humanist Landscape», in Butler, Judith & Scott, Joan (Orgas.), *Feminists Theorize the Political*, New York, Routledge, pp. 86-100.
- Haraway, Donna (1998), *Modest Witness@Second Millenium. FemaleMan Meets OncoMouse: Feminism and Technoscience*, New York, Routledge.
- Haraway, Donna (2004), *The Haraway Reader*, New York, Routledge.
- hooks, bell (1981), *Ain't I a Woman? Black Women and Feminism*, New York, South End Press.
- hooks, bell (1984/2004), «Mujeres negras: dar forma a la teoria feminista», in hooks, bell, Brah, Avtar, Sandoval, Chela & Anzaldúa, Gloria (Orgas.), *Otras inapropiables: feminismos desde las fronteras*, Madrid, Traficantes de Sueños, pp. 33-50.
- Macedo, Ana Gabriela (2009), *Narrando o Pós-moderno: Reescritas, Re-visões, Adaptações*, Braga, Universidade do Minho/CEHUM.
- Mbembe, Achille & Nuttall, Sarah (2004), «Writing the World from an African Metropolis», *Public Culture*, 15, pp. 347-373.
- Nogueira, Conceição (2001), *Um Novo Olhar Sobre as Relações Sociais de Género. Perspectiva Feminista Crítica na Psicologia Social*, Lisboa, Gulbenkian.
- Nogueira, Conceição (no prelo), Introdução à Teoria da Interseccionalidade nos Estudos de Género, in Neves, S. (org.), *Género e Ciências Sociais*, Maia, Publismai.
- Oliveira, João Manuel (2009), *Uma Escolha que Seja Sua: Uma Abordagem Feminista ao Debate Sobre a Interrupção Voluntária da Gravidez em Portugal*, Dissertação de doutoramento em Psicologia Social, Lisboa, ISCTE.
- Oliveira, João Manuel & Amâncio, Lígia (2006), «Teorias Feministas e Representações Sociais: Desafios dos Conhecimentos Situados para a Psicologia Social», *Revista Estudos Feministas*, 14, 3, pp. 597-615.
- Oliveira, João Manuel, Pinto, Pedro, Pena, Cristiana & Costa, Carlos Gonçalves (2009), «Feminismos Queer: Disjunções, Articulações e Ressignificações», *Ex-Aequo*, 20, pp. 13-27.
- Pollock, Giselda (2001), «A Política da Teoria: Gerações e Geografias na Teoria Feminista e na História das Histórias de Arte», in Macedo, Ana Gabriela (orga.), *Género, Identidade e Desejo: Antologia Crítica do Feminismo Contemporâneo*, Lisboa, Cotovia, pp. 191-220.
- Rich, Adrienne (1984/2003), «Notes Toward a Politics of Location», in McCann, Carole & Kim, Seung-Kyung (orgas.), *Feminist Local and Global Theory Reader*, New York, Routledge, pp. 247-259.
- Scott, Joan (1998), *Only Paradoxes to Offer*, Cambridge, Mass., Harvard University Press.
- Spivak, Gayatri (1996), *In Other Worlds*, New York, Routledge.
- Trinh, Minh-ha (1989), *Native, Woman, Other*, Bloomington, Indiana University Press.
- Wittig, Monique (1992), «El pensamiento heterosexual», in Wittig, Monique (orga.), *El Pensamiento heterosexual y otros ensayos*, Barcelona, Egales.

João Manuel de Oliveira é investigador em pós-doutoramento na Universidade do Minho e Visiting Fellow do Birkbeck Institute of Social Research, University of London. É doutorado em Psicologia Social pelo ISCTE. A sua investigação tem sido centrada na Psicologia Social Feminista Crítica, nos Estudos de Género e nas Teorias Feministas e Queer. Tem publicado em livros e revistas, quer em Portugal, quer no estrangeiro. joao.m.oliveira@gmail.com.

Artigo recebido em 15 de Abril de 2010 e aceite para publicação em 15 de Agosto de 2010.